



As grandes telas figurativas chamam a atenção dos estudantes, mas também há muita escultura a ser fotografada

José Marmeleira

● Grupos de estudantes acotovela-se à entrada ou conversam animados, enquanto percorrem os corredores da Arte Lisboa, na FIL do Parque das Nações. A maioria não resiste, saca dos telemóveis e tira fotografias. Às obras de arte, entenda-se, e sobretudo às pinturas de maiores dimensões. Um professor detém-se à frente de um *hit*: uma tela de Paula Rego. Procura o maior ângulo e dispara. “Faço isto para depois discutir as obras com os meus alunos”, explica antes de acrescentar “e, claro, também levo para mostrar em casa, mas serve essencialmente como instrumento de trabalho.”

Ana e Carla, duas alunas de uma escola particular de Torres Vedras, conversam sobre o que estão a fotografar: “Arte figurativa. A outra não nos diz nada.” Qual? “Aquela mais conceptual. Interessa-nos pouco.” O objectivo é o mesmo: comentar as obras nas aulas. Mais à frente, perto do exíguo e improvisado bar (esplanada?), um grupo de rapazes e raparigas descansa na companhia do professor. Vêm de Palmela, da Saint Peter’s School, são alunos de Desenho do ensino secundário e

acabaram há minutos a visita. As preferências não diferem muito das dos colegas de Torres Vedras: “Gostamos muito de desenho. E mais de pintura do que de vídeo ou da fotografia.”

E esta edição da Arte Lisboa faz-lhes a vontade. A presença do vídeo é residual e a instalação parece invisível (tal como a escultura, aliás). Dominam a fotografia, em particular, e pintura e o desenho, o que também agrada a Riova Reddeker, uma curadora austríaca de visita pela primeira vez. “Vim à procura de arte figurativa, mas também sinto falta de outras linguagens. Há aqui menos trabalhos em instalação ou vídeo do que noutras feiras e creio que teria sido mais interessante aproveitar a secção Project Rooms para mostrar outro tipo de obras.” Ivânia Gallo, directora da Arte Lisboa, justifica essa ausência com a actual realidade artística: “Tem a ver com as tendências das artes. Provavelmente o vídeo está passar por um período de afastamento, enquanto a pintura está a destacar-se. São modas.” Rui Brito, da Galeria III, concorda: “Ultimamente, tenho encontrado pouco vídeo e instalação nas feiras internacionais. Penso que há um regresso à figuração, à pintura e ao desenho.”

Assim que as turmas saem, a feira volta a “pertencer” ao público do meio (das artes), bem como aos eventuais compradores, e os únicos barulhos inesperados vêm de um vídeo de Nuno Cera e de uma instalação de Frederico Ferreira. O artista Vasco Araújo está de passagem. “Vim ter com um amigo que por acaso também é artista [Rodrigo Oliveira] e aproveitei para ver a minha peça. E é só. Daqui a bocado vou-me embora. Detesto feiras.”

Muitos namoros

O ambiente entre os galeristas não é, entretanto, dos mais animados. Sobram olhares cautelosos e apreensivos. Alguns *stands*, com obras de nomes relevantes, clamam por visitas e depois de uma volta somos capazes de jurar que houve gente que não se mexeu da cadeira. São raras, quase inexistentes, as bolinhas encarnadas que assinalam as obras como vendidas.

Rui Brito da Galeria III confirma: “Está um bocadinho mais lento do que no ano passado. Há muitos namoros. As pessoas não se precipitam tanto como nos outros anos. Não têm pressa.” Pedro Cera é da mesma opinião: “Talvez haja

um bocadinho mais de demora nas decisões. Mas também é verdade que por esta altura tinha realizado mais negócios.” Manuel Ulisses, da Quadrado Azul, parece mais optimista. “Fizemos algumas vendas e temos uma série de reservas. Não está muito diferente de 2007.” O galerista José Mário Brandão comenta, bem-humorado, que é difícil ser optimista com o que lê nos jornais e vê nas televisões, enquanto Filomena Soares, da galeria homónima, receia o que possam trazer os próximos dias. É como se a feira estivesse assombrada por um fantasma que ninguém ousa nomear.

Troçamos em Júlia Pinheiro, que aponta preços e nomes diante das pinturas da Heinrich Ehrhardt, uma das melhores galerias espanholas presentes na Arte Lisboa: “Comprar? Não, ainda não. Estamos apenas a fazer prospecção. É muito pouco provável que aconteça alguma aquisição. Gostei muito desta, de um senhor chamado Helmut Döner. E tenho para aqui algumas anotadas. Vamos ver.” Entretanto, uma funcionária de uma galeria, que pede para não ser identificada, segreda-nos ao ouvido: “Ouvei o presidente de um

banco português dizer que 2000 euros por uma obra é um preço pré-crise.”

Sugestões de compras

Todos os galeristas fazem, porém, questão de lembrar que ainda é cedo para avançar previsões ou balanços. O fim-de-semana está chegar e a Arte Lisboa só encerra segunda-feira. Aguardam-se oportunidades para concretizar negócios e estabelecer contactos.

E, em tempos de crise, numa feira de arte não há melhor opção para leigos, apaixonados ou especializados do que comprar com moderação. O desenho, as obras de dimensões reduzidas ou assinadas por artistas jovens são todas boas opções: Manuel Ulisses sugere desenhos (1000 euros cada) de Renato Ferrão e uma fotografia de Paulo Catrica por 3400 euros; José Mário Brandão lembra trabalhos com preços acessíveis (até aos 500, 1000 euros) de João Nora e Gonçalo Pena; e na VPF Cream Arte vendem-se desenhos de André Banha por 800 euros. Bem abaixo de 5000 euros, no *stand* da Pedro Cera há fotografias de Nuno Cera e de Ricardo Valentim (2800 euros), enquanto Rui Brito prefere salientar obras mais em conta, como os desenhos de João

FOTOS: SARA MATOS

Arte Lisboa

À espera das bolinhas encarnadas

Estudantes tiravam fotografias para mais tarde recordar (ou pensar). Muita pintura e desenho, pouco vídeo e instalação. Mas, até segunda-feira, ainda há tempo para marcar aquela obra de arte com a desejada bolinha encarnada e dizer: vendida

Entre os galeristas, há quem se preocupe muito com a crise e quem esteja otimista. Os espanhóis presentes estão apenas na expectativa



Francisco (à volta dos 800 euros) e as fotografias de Gabriel Abrantes, que chegam aos 1500 euros.

Patrícia Craveiro Lopes, da VPF Cream Arte, acredita que as maiores e melhores vendas vão acontecer nos últimos dias. Na sua opinião, o maior problema da feira é a própria feira: "A organização está uma lástima. Falta cafetaria, zonas de lazer, o espaço Kid's Art, dedicado às crianças, não regressou. Apertaram os cintos e aumentaram os preços, inclusive dos bilhetes. Faz falta vida. E não há muitas obras fortes."

Rui Brito põe água na fervura: "Considero a feira uma iniciativa honesta. E difícil levá-la a para outros voos. Vivemos uma fase complicada e, por outro lado, a cobertura da imprensa não é das melhores. A Arte Lisboa não é acompanhada como devia. Por exemplo, comenta-se mais a ausência do que a presença de certas galerias."

As críticas porém vão-se ouvindo, ainda que discretas. Alguns professores notavam a falta de material informativo sobre certos artistas e Ríova Reddeker lamentava a ausência de mapas da feira, embora elogiando o espaço ("podemos circular sem stress") e o facto de a Arte Lisboa "oferecer um

panorama interessante da arte feita em Portugal". Da parte das galerias espanholas com que o P2 falou não há queixas, apenas expectativa, apesar das poucas vendas.

Mas para lá dos balanços finais e dos (in)sucessos de vendas, há uma qualidade por vezes menosprezada neste tipo de iniciativas - o facto de permitem uma abordagem mais "informal" às obras. As pessoas olham, conversam, sorriem e por vezes demoram-se, sem pressas, diante dos trabalhos. A descontração impera, como não acontece num museu ou numa galeria. A actriz Rita Blanco segue a passo rápido. Não é a primeira vez que visita a Arte Lisboa e revela-nos de imediato os seus interesses: "Aprecio as obras dos artistas que, de alguma forma, estão ligados à minha vida, como a Sara Maia e o António Charrua, que morreu há pouco tempo e que a maior parte das pessoas esqueceu." "Mas não venho aqui para comprar pintura. Venho para ver, para perceber quem existe."

Tempo para mais uma volta antes da saída e, no fim, éramos capazes de jurar que não se viam compradores. Mas era hora de jantar. Há ainda tempo para a colocação de mais bolinhas encarnadas.

METROPOLITANA

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CICLO CONCERTOS
PARA VIOLINO DE MOZART

WOLFGANG AMADEUS MOZART
Concertos n.º 3 e n.º 5 para Violino e Orquestra

FRANZ SCHUBERT

Sinfonia n.º 3



TEMPORADA 2008|2009

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
Augustin Dumay *maestro e violino*

DOMINGO, 23 DE NOVEMBRO, 17H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CCB, LISBOA

Mais informações em www.oml.pt Telefone: 213 617 321

PATROCÍNIO  Fundação Portugal Telecom este concerto é meo!